

Regional



EM ESTILO COLONIAL, a arquitetura da pequena igreja é bem humilde. No destaque, a imagem de Nossa Senhora das Neves



FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA

Pernas e braços em cera comprovam milagres

Na sala das promessas, situada ao lado do santuário, flores, alianças, fotografias, muletas e membros humanos feitos em cera – como braços, pés, cabeças e até órgãos genitais femininos e masculinos – são deixados por fiéis para comprovar os milagres.

“Pensamos em destruí-los, mas o padre pediu que mantivéssemos aqui, pois é sinal de que alguém foi curado de uma doença, como câncer de próstata ou de mama”, disse a zeladora Jovelina Alves Peres, 54.

Jovelina cuida do santuário há 14 anos. Veio de Ponto Belo, no Norte do Estado, com a família.

Ela, que teve afundamento do osso do rosto num acidente de carro, afirma acreditar que o fato de estar viva é resultado da ação divina. “Estar aqui é um milagre”, diz.



PEÇAS em cera deixadas por fiéis

RELIGIOSIDADE

Igreja das Neves resiste ao fogo e à cobiça pelo ouro

Localizado em Presidente Kennedy, templo de 300 anos atrai multidão de devotos de Nossa Senhora

Alessandro de Paula
PRESIDENTE KENNEDY

Cinquenta anos após um incêndio que, por pouco, não destruiu completamente sua estrutura de 300 anos, o Santuário das Neves, em Presidente Kennedy, resiste ao tempo e à cobiça pelo ouro, atraindo uma multidão de romeiros.

O incêndio ocorreu no dia 5 agosto de 1964 e foi provocado pelas velas acesas que os fiéis colocavam próximo às paredes feitas de pedra, pó de ostra e óleo de peixe.

O calor foi tão intenso que derreteu o óleo e as labaredas chegaram ao teto. O fogo destruiu o telhado, o assoalho afundou e o altar foi danificado, mas a imagem de madeira de 1,60 metro de Nossa Senhora das Neves ficou intacta, pois devotos entraram na igreja em chamas e a resgataram.

A pequena igreja perdida no meio da restinga também enfrentou a ganância de caçadores de tesouro, que fizeram escavações por baixo da sua estrutura em busca do suposto ouro deixado pelos jesuítas, quando foram expulsos do

Brasil, em 1759.

O santuário está localizado na Praia das Neves, a 27 km do centro de Presidente Kennedy. Sua arquitetura em estilo colonial é bem humilde. Todo dia 5 de cada mês é realizada novena em homenagem à santa, com centenas de católicos.

Mas, todos os anos, no dia 5 de agosto, o pequeno santuário é tomado por fiéis que chegam em caravanas para festejar o Dia de Nossa Senhora das Neves.

“Os fiéis vêm do Espírito Santo, mas, principalmente, de cidades situadas no norte fluminense, como São Francisco de Itabapoana e São João da Barra”, comentou o pároco de Presidente Kennedy, padre Rogério Guimarães.

A estimativa é de que no mês de

agosto o local reúna 30 mil fiéis. Para muitos, a igreja é o segundo santuário do Estado com maior número de romeiros com devoção a Nossa Senhora, perdendo apenas para o Convento da Penha.

Muitos devotos buscam o santuário para pagar promessas. Alguns vão a pé de suas cidades. “Isso aqui parece uma cidade, com barracas e muita gente”, disse a professora aposentada Hélia Lúcia de Carvalho Marroquim, 66.

Como a igreja tem capacidade para 100 pessoas sentadas, as missas são realizadas no pátio.

O templo já foi alvo de ladrões, que roubaram em 1997 o Menino Jesus. O colo da santa ficou vazio por muitos anos, até que uma réplica foi colocada no local.

O SANTUÁRIO

Imagem veio em 1750

> A IGREJA das Neves foi construída entre 1707 e 1759 com óleo de baleia, ostra, pedra, barro, areia e cal pelo padre jesuíta José de Almeida com a ajuda dos índios catequizados.

> A ESCULTURA de Nossa Senhora das Neves, também conhecida como Santa Maria Maior, é em madeira e foi trazida de Portugal em 1750.

> A HISTÓRIA da santa teve origem em 5 de agosto de 352, em Roma, quando Nossa Senhora teria aparecido numa visão ao papa Libério e a um rico romano pedindo que fosse construída uma igreja no local onde nevasse. Era verão, mas no dia seguinte pela manhã nevou no monte onde foi construído o Santuário de Santa Maria da Neve.

CURIOSIDADES



Guardou a santa durante incêndio

Moradora da comunidade há mais de 40 anos, a professora aposentada Hélia Lúcia de Carvalho Marroquim, 66, testemunhou o incêndio que destruiu parte da igreja.

Como sua casa era perto, Hélia Lúcia recolheu as imagens, inclusive de Nossa Senhora das Neves, que foram salvas pelos fiéis.



Filha curada de depressão

A professora aposentada Ana Celeste Fonseca, 58, agradece a Nossa Senhora das Neves pela recuperação de sua filha, que teve síndrome do pânico e depressão após ter sido assaltada. “Frei Levy (pároco na época) foi lá em casa dar a unção do enfermo e eu rezei e pedi a Nossa Senhora para ajudá-la. Quando o padre terminou, ela se levantou da cama”.



Guardiões do santuário

A zeladora Jovelina Alves Peres, 54, conta com a ajuda do marido, o aposentado Getúlio dos Santos, 78, ambos devotos de Nossa Senhora, para cuidar do santuário. É ela quem recebe os turistas que diariamente vão ao local. Os dois moram atrás do templo e a casa mais próxima fica a cerca de um quilômetro de distância.

Regional

ALESSANDRO DE PAULA



PADRE Rogério Guimarães, pároco de Presidente Kennedy: proteção

RELIGIOSIDADE

Superporto vai ficar perto do santuário

Os fiéis e a Igreja Católica estão atentos à construção do Porto Central – projetado para ser o maior porto privado do País – que vai levar navios bem perto do Santuário das Neves.

O projeto prevê a construção de um canal que avança cinco quilômetros para dentro do continente, onde as grandes embarcações vão entrar para carga e descarga.

O canal chegará a dois quilômetros do santuário, de onde será possível avistar os navios. Até a Rodovia do Sol precisará ser desviada em função do empreendimento.

Preocupado, o bispo dom Dario Campos convidou para reunião os representantes do empreendimento, que garantiram que o porto não afetará a antiga edificação.

“A maior preocupação era averiguar se a movimentação de terra para a construção do porto não abalaria a estrutura da igreja”, ressaltou o padre Rogério Guimarães, pároco de Presidente Kennedy.

Na reunião, que contou com a presença de padres da Diocese de Cachoeiro de Itapemirim, a empresa tranquilizou a liderança religiosa e se comprometeu a implantar uma área de proteção verde com árvores para minimizar o impacto visual e possível poluição ambiental.

“O progresso é necessário. É bem-vindo. Mas a Igreja precisa estar atenta também à dimensão religiosa e cultural, e cuidar daquele patrimônio, que não é apenas do povo católico, mas de toda a sociedade”, destacou o pároco.

Preparação para tombamento nacional

Tombado como patrimônio histórico pelo município em 17 de janeiro de 1995 e pelo Estado em 26 de novembro de 2008, o Santuário das Neves está em processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

O estudo é demorado devido à falta de documentos históricos a respeito do santuário, segundo informou o assessor de Cultura de Presidente Kennedy, Márcio Cecon.

“É possível que demore, mas acredito que o tombamento vai acontecer”, disse.

Para o assessor de Cultura da prefeitura, alguns estudiosos defendem que o santuário tenha sido construído antes do século 18.

“A arquitetura difere de outras igrejas construídas naquela época, como o Santuário de Anchieta, em Anchieta, e a Igreja dos Reis Magos, na Serra”, argumentou Márcio.

ALESSANDRO DE PAULA



MÁRCIO CECON, assessor de Cultura de Presidente Kennedy: “É possível que demore, mas acredito que tombamento vai acontecer”

Caminhada de 160 km na linha do trem

ALESSANDRO DE PAULA

Pesquisador vai reunir grupo para percorrer a pé o trajeto da ferrovia de Cachoeiro a Vitória para produzir documentário

Alessandro de Paula
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

A apaixonado pela história das ferrovias, o pesquisador Paulo Henrique Thiengo, 48 anos, vai reunir um grupo de pessoas para produzir o segundo documentário sobre a centenária Ferrovia Leopoldina, desta vez no trecho entre Cachoeiro de Itapemirim e Vitória.

Para isso, o grupo deverá percorrer os 160 quilômetros do trecho, passando por túneis, viadutos e visitar as comunidades que foram surgindo ao longo dos trilhos e que têm sua história ligada à ferrovia.

O documentário, intitulado Retrilhando a Leopoldina 2, vai durar cerca de dois anos e seguirá os moldes do primeiro trabalho, realizado em 2008, referente à linha pertencente à mesma ferrovia que ligava Cachoeiro a Espera Feliz (MG).

Percorrer a ferrovia não será um trabalho simples. Os 160 quilômetros serão feitos aos poucos, nos finais de semana. Para a caminhada, o grupo também precisará pernoitar em barracas.

Mas reunir pessoas interessadas não está sendo tarefa fácil, segundo Thiengo, ao lado da namorada Jacinta Perim. “Falta interesse”, ressaltou. A proposta dele é reunir estudantes de História e de Comunicação Social. “Procuro pessoas com algum espírito de aventura”, completou.

Com relação ao primeiro documentário, o pesquisador diz que distribuiu gratuitamente duas mil cópias em DVD e também disponibilizou para exibição gratuita em sites de compartilhamento de vídeos.

Esses são alguns dos trechos que a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) anunciou a extinção, mas que, após mobilização de prefeitos, voltou atrás e garantiu que não irá desativá-los antes de se reunir com a sociedade.

Para esse segundo volume do Retrilhando a Leopoldina, Thiengo já reuniu vasto material, incluindo fotos da construção da ferrovia, planta da linha, dados sobre todas as obras de arte e estações.

Ele ressaltou ainda que, após pesquisas, descobriu que o engenheiro assassinado em Mathilde, Alfredo Chaves, Charles Bloomer Reeve, era brasileiro e não inglês, como muitos acreditavam.

“Procuro pessoas com algum espírito de aventura”

Paulo Henrique Thiengo, pesquisador



PAULO THIENGO e Jacinta Perim: documentário sobre Ferrovia Leopoldina